

CULTURA PROFISSIONAL

OS REGIMENTOS INTER-ARMAS

Tenente-Coronel DE GALBERT
(Revue Militaire d'Information)

A criação dos agrupamentos táticos no quadro das divisões atuais provoca uma alteração completa das formações orgânicas. Não seria preferível reunir definitivamente sob o mesmo comando a equipa destinada a travar o mesmo combate?

É o que acaba de decidir o Comando ao criar os Regimentos Inter-Armas, ou R.I.A., que constituirão valiosos elementos da Divisão Mecânica Rápida constituída depois das experiências "Javelot" de 1953 e 1954.

O Regimento Inter-Armas receberá para as manobras a composição indicada no quadro publicado adiante.

MOTIVOS DA CRIAÇÃO DOS R.I.A.

Os R.I.A. foram criados para satisfazerem às condições prováveis de um futuro conflito e para constituírem uma equipa bem sólida e unida.

A ameaça atômica obriga a realizar a organização inter-armas num escalão nitidamente inferior ao agrupamento de vários milhares de homens.

Este efetivo deverá, de futuro, ser disperso por espaços vinte vezes maiores.

Nestas condições, a constituição "a pedido" dos agrupamentos encontrará grandes dificuldades e será sempre morosa. O apoio dado pelos diferentes regimentos de origem será realizado em distâncias maiores.

Uma explosão atômica, ainda que só destruisse uma parte do dispositivo, provocaria a paralisia do conjunto.

Vale mais realizar uma grande descentralização permitindo que os regimentos inter-armas vivam e combatam por uma forma autónoma, aceitando-se o inconveniente da sua composição a priori.

Quanto à cooperação entre infantes, cavaleiros, artilheiros e engenheiros, em que o quadro moral mais poderoso poderia ela ser alcançada do que no seio de um regimento.

Se o agrupamento pertencer às forças de cobertura, a sua instrução

em tempo de paz deve ser orientada no sentido da preparação completa para a guerra, isto é, deve compreender a instrução inter-armas que corresponde à realidade do combate.

Esta tarefa será, de resto, facilitada pelos centros de instrução que o libertarão da formação inicial dos recrutas.

Poderia objectar-se que no final da campanha de 1944-1945 as diferentes armas haviam aprendido a cooperar no interior dos agrupamentos e subagrupamentos; mas este resultado fôra alcançado ao cabo de longos meses de preparação intensiva e de combates, não devendo fazer esquecer a flutuação inicial dos primeiros dias.

No início de um conflito, uma cooperação inter-armas defeituosa traria consequências muito graves para as tropas de cobertura.

Os agrupamentos táticos têm ainda outros inconvenientes: os seus comandantes comandam certas unidades que eles não administram, e administram outras que não comandam. A experiência mostra que, se o comando tático pode exigir os esforços ou os sacrifícios mais pesados, a influência determinante é conservada, em caso de dificuldade, pelo comandante orgânico. É ele quem informa dos seus quadros, quem os propõe para citações e quem representa os laços administrativos permanentes; só ele está em condições de conseguir que os seus homens ou os seus materiais vão até ao limite extremo das suas possibilidades, que ganhem o último quarto de hora de que depende o êxito.

Os R. I. A., amalgamando esta dupla hierarquia, favorecem a unidade e a eficácia do comando.

REFLEXÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO DOS R. I. A.

Indicamos a seguir as idéias que presidiram à constituição das unidades:

1 — A tarefa dos comandantes de secção ou de pelotão em combate é muito difícil pois têm que assegurar o comando sob o fogo de todas as armas inimigas; isto torna complicados os atos mais simples.

É por isso que o volume destas pequenas unidades não ultrapassa o efetivo total de 32.

2 — Até ao mais pequeno escalão (incluindo a secção e o pelotão), o comandante é secundado por um adjunto (dispondo de uma viatura e dos mesmos postos de rádio), que é, em princípio, encarregado:

- de dirigir os elementos em reserva;
- de assegurar as ligações laterais;
- de se ocupar dos reabastecimentos;
- de reconhecer as posições à retaguarda na ação retardadora;
- de informar o escalão superior.

Isto permite que o comandante se dedique inteiramente à condução do combate.

3 — Os esquadrões, companhias e baterias só compreendem unidades do mesmo tipo com um único material de base: A.M.X., jeep, canhão, metralhadora e S.S. 10 (foguetes dirigidos).

Isto facilita a instrução elementar, a conservação, as reparações e o reabastecimento, permitindo conservar o espírito de arma que é um bom estimulante.

4 — Os encargos administrativos do capitão são notavelmente aligeirados. É o regimento que se ocupa do material e o distribui, que assegura a alimentação (viveres condicionados durante as operações) e que centraliza o estabelecimento dos vencimentos diários.

5 — Devido às novas dispersões, à sua motorização e ao alcance das suas armas (principalmente dos S.S. 10) e aos seus processos de combate na D.R.M., a infantaria recebe meios de transmissão idênticos ou análogos aos da arma blindada.

6 — O coronel que comanda o R. I. A. está normalmente em contacto directo com os seus capitães, o que permite uma execução mais rápida, e reflexos mais prontos do que com a existência de um escalão intermédio (demoras na transmissão, cifração e decifração, perigo de enganos); isto assegura ainda a plena utilização dos seus meios de comando.

No entanto, poderá destacar, para junto de um P. C. subordinado, um dos seus adjuntos com uma missão de comando temporária, para coordenar localmente a ação de várias unidades, o que não aumenta as demoras nem as necessidades em meios de transmissão.

7 — Os meios rádio foram previstos para que cada comandante possa ouvir qualquer rede subordinada.

Isto permite-lhe ser imediatamente informado de uma ação que se desenrola numa zona crítica e fazer avançar a sua decisão de alguns minutos que podem ser decisivos.

8 — Com o fim de simplificar por tôdas as formas a logística, o número de tipos de armas e de viaturas foi reduzido ao mínimo, conquanto isto apresente certos inconvenientes no plano tático. Mas há que realizar grandes esforços neste sentido.

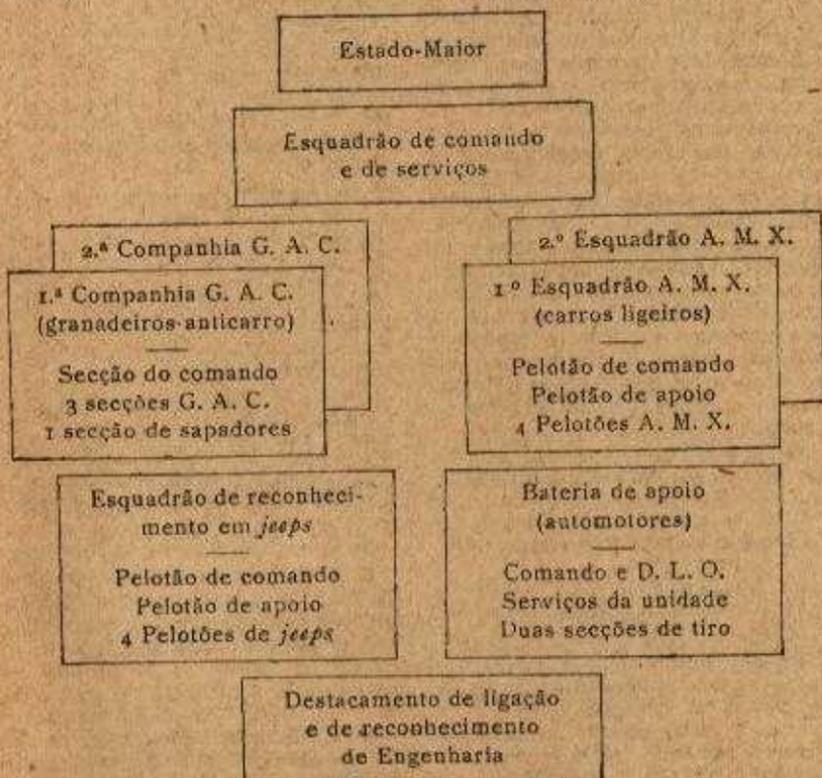
É no seio do regimento que se faz a mistura das unidades segundo as necessidades do momento.

Os cinco capitães comandantes de esquadrão ou de companhia devem ser instruídos na prática do comando de formações mistas, às quais a sua unidade dá a estrutura e o caráter predominante.

Um capitão de infantaria, em contacto com o inimigo, conta em geral com o reforço de um pelotão de carros A. M. X. e com o apoio dos fogos de toda ou de parte da bateria de apoio.

Reciprocamente, um capitão de blindados pode, na marcha para o inimigo, dispor de um pelotão transportado em jeeps e de uma secção de sapadores ou de G. A. C.

O coronel manobra, portanto, além da sua bateria, com cinco peões cujo volume, da ordem de 200 homens, se situa entre o agrupamento blindado (um esquadrão de



carros e uma companhia de infantaria) e o destacamento misto (um pelotão e uma secção).

Os capitães atuam, assim, com três, quatro ou cinco elementos de combate com propriedades complementares.

Esta articulação dá, tanto ao coronel como aos seus capitães a possibilidade de arejar muito largamente o seu dispositivo e de manobrar com bastante flexibilidade.

Estas modificações na estrutura das formações de combate apenas apresentam inconvenientes mínimos, visto se verificarem no interior de um mesmo corpo, sob a autoridade tática e orgânica de um mesmo coronel, entre homens que se conhecem perfeitamente e que já em tempo de paz se tinham preparado em conjunto para o combate.

EMPREGO DAS UNIDADES DE COMBATE DO R.I.A.

Os exemplos dados a seguir sobre o emprego das pequenas unidades referir-se-ão a uma missão de cobertura, quadro inicial da sua ação num conflito eventual.

Isto permitirá estudá-las em cada posição de espera em dispositivos que, de resto, voltarão a encontrar-se sobre cada objetivo na manobra ofensiva.

Deve notar-se que a missão do R.I.A., na cobertura sobre uma frente de sete a oito quilómetros não é deter um ataque inimigo. A sua missão consiste em quebrar, por meio de defesa móvel, o ritmo rápido do avanço do inimigo, levando-o à cadência de um avanço de infantaria.

Para realizar um avanço profundo, o inimigo terá que se concentrar, criando assim alvos susceptíveis de merecer a ação dos fogos clássicos ou dos nucleares.

A COMPANHIA DE GRANADEIROS ANTICARRO

Colocada sob as ordens do seu capitão, assistido por um segundo comandante, a companhia compreende:

- uma secção de comando;
- três secções G.A.C.;
- uma secção de sapadores.

As secções G.A.C., equipadas com viaturas para todo o terreno, são formadas por várias equipas de granadeiros (metralhadoras e lança-foguetes) e por duas equipas anti-carro armadas com S.S. 10. Este projétil-foguete pode ser disparado da viatura ou do solo. Vai deslizando atrás de si dois fios que permitem ao "piloto" dirigi-lo, graças ao seu fogo tracejante, por meio de um aparelho de comando pouco volumoso.

A sua velocidade de voo é de 80 metros por segundo, ultrapassando o alcance de 1.500 metros; nenhuma blindagem lhe resiste.

A sua colocação em bateria em contra-encosta ou detrás de uma máscara, impede o adversário de observar o seu disparo, e a tripulação do carro alvejado só vê o projétil no último momento.

Esta arma temível dá à infantaria o meio que lhe faltava para destruir os blindados a boa distância.

Mas há todo o interesse em combinar o emprego do S.S. 10 com o canhão do A.M.X. visto que estas duas armas, de características muito diferentes, se completam perfeitamente.

A secção de sapadores é transportada nas mesmas viaturas para todo o terreno, tendo cada uma delas uma geradora que faz funcionar picaretas, pás mecânicas, uma bomba e uma serra elétrica. Este material permite minar rapidamente uma estrada ou uma ponte, abrir seteiras num muro, fazer buracos em terreno duro, encher jangadas ou preparar abatizes.

Capa equiva dispõe ainda de explosivos e de minas, assim como de aparelhos detetores de radioatividade.

Terminada a sua função de sapador, a secção pode cumprir uma missão de infantaria normal num terreno coberto em que o S.S. 10 não possa ser utilizado.

O papel da infantaria do R.I.A., em todas as fases ofensivas, é comparável ao dos batalhões transportados das divisões blindadas.

Por exemplo, numa guarda-avancada, a infantaria desloca-se com o pelotão blindado de testa, pronta a sair das viaturas para tomar uma barreira, atravessar uma zona arborizada, impedir uma localidade, manobrar uma resistência inacessível aos blindados, ou assegurar a sua protecção durante a noite.

São as missões clássicas de acompanhamento imediato dos carros.

A experiência de 1954 incidiu principalmente sobre as missões de cobertura ou de detenção, na ofensiva; trata-se de um emprêgo inteiramente novo a que, apesar de todas as dificuldades, as companhias G. A. C. corresponderam perfeitamente.

Amplamente articulada, a infantaria do R. I. A. conserva os pontos essenciais do terreno onde o coronel deseja travar o combate: ele pode, assim, colocar em reserva a maior parte dos seus A. M. X.

Isto permite assegurar, de dia, a observação continua de toda a zona, iniciar os fogos da artilharia ou da aviação e fazer intervir as reservas blindadas da companhia ou do R. I. A.

A dispersão da secção não deve ultrapassar trezentos metros, para permitir que o seu comando seja convenientemente assegurado.

Como pode faltar o tempo para organizar o terreno, escolhem-se, de preferência, os pontos que oferecem abrigos naturais e acessos cobertos, tais como quintas, aldeias, acidentes de terreno e zonas arborizadas.

A fim de impedir os reconhecimentos motorizados do adversário, sem descobrir o dispositivo, as secções poderão destacar para a frente um posto ou uma patrulha como "campanha de alarme".

A companhia ocupa uma zona cuja largura pode atingir 800 a 1.500 metros, e com uma profundidade sensivelmente igual. Constitui, assim, o que os capitães chamam um "polígono de segurança", significando com isso que as reservas podem dirigir-se para ali e manobrar no meio de observatórios amigos e utilizando as suas informações.

O pelotão de carros A. M. X. é colocado no centro, como uma aranha no meio da tela, pronto a atacar em qualquer direcção (ver croquis n. 1).

Se uma secção for atacada, há todo o interesse em que os A. M. X. não se dirijam para a sua posição, o que provocaria uma concentração vulnerável, mas sim para um dos flancos ou para a retaguarda, com o fim de favorecer a surpresa e provocar uma diversão. O essencial não é a presença dos carros ao lado dos infantas, mas a eficácia do apoio de fogo sobre os objetivos que os ameaçam.

Esta intervenção pode permitir a retirada da secção, cuja missão não consiste geralmente em deixar-se fixar a curta distância. A retirada não faz cessar o combate, mas permite que se constituam, à retaguarda, outras resistências que obrigam o inimigo a renovar contactos difíceis e demorados.

A retirada é um ato de combate.

Se o dispositivo da companhia tiver podido ser reconhecido pelo inimigo durante o dia, é necessário não passar a noite nas mesmas posições e ir ocupar outras mais à retaguarda ao anoitecer.

Pode ser aplicado um processo, utilizado na Indochina, para verificar as ações noturnas do adversário: deixam-se à retaguarda equipas de dois ou três homens, que tentam seguir a distância o avanço do inimigo, assinalando-o por meio de foguetes.

Um dos ensinamentos mais construtivos da experiência foi a aptidão da mesma infantaria para esse emprêgo numa grande frente, e que lhe valeu a designação de "infantaria de postos avançados".

Este termo define exatamente as qualidades de curiosidade, de iniciativa e de tenacidade que lhe são necessárias; no entanto, ao contrário do que sucede com um posto avançado clássico que nada tem a esperar das forças situadas à sua retaguarda, todas as unidades do R. I. A. devem estar animadas da determinação de irem auxiliar a secção G. A. C. que se encontra em dificuldades.

Já não é o pósto avançado que retira sistematicamente, são as forças principais que se dirigem para ele, para o combate defensivo. Todo o espírito "Javelot" reside nisto, nêle se cifra o fundamento moral d'êste combate que assenta inteiramente na compreensão mútua, na confiança e no auxílio recíproco.

O ESQUADRÃO DE CARROS LIGEIROS A. M. X.

Sob as ordens de um capitão comandante, tendo como segundo comandante também um capitão, o esquadrão de carros ligeiros A. M. X. tem a composição seguinte:

- um pelotão de comando;
- um pelotão de apoio;
- quatro pelotões de combate.

O comandante de pelotão A. M. X. dispõe de um adjunto, de um grupo de esclarecedores e de duas secções de blindados.

Durante o avanço, são as unidades de A. M. X. que desempenham a função principal, dada a aptidão para se infiltrarem (pequeno alvo e características todo o terreno) e o seu fogo rápido e poderoso.

É, assim, que um pelotão A. M. X. marcha na testa da guarda avançada, precedido pelos jeeps que são lançados como cães de caça.

A primeira secção é sempre colocada de forma a podê-los apoiar com os seus fogos; a segunda mantém-se pronta a apoiar os elementos que a precedem, quer de uma posição dominante, quer deslocando-se lateralmente para desenvolver o máximo poder de fogo ou tentar o envolvimento de uma resistência.

Em qualquer circunstância, os elementos do pelotão não devem perder a ligação à vista a fim de poderem apoiar-se sempre reciprocamente.

* * *

Quando o R. I. A. se detém, a infantaria organiza-se e o coronel põe em reserva, o mais rapidamente possível, os elementos blindados que cobriam o avanço.

Desta forma, a quase totalidade dos elementos blindados pode ser mantida à disposição do coronel

para atuarem com poder, e se possível por surpresa, conforme as informações dadas pela aviação e pelos elementos em contacto (regimento de reconhecimento, esquadrão de jeeps, companhias G. A. C., etc.).

Para o emprêgo desta reserva, surge prontamente ao espírito uma expressão cômica e freqüente: "lançar os carros em contra-ataque". Mas ela necessita de ser explicada.

Se consistir em aproveitar um avanço imprudente do inimigo ou o seu esgotamento para o repelir com decisão, essa oportunidade deve ser aproveitada e explorada a fundo.

Se, pelo contrário, se tratar de uma ofensiva inimiga preparada e executada com meios poderosos de choque e de apoio, uma ação d'êste tipo, que ficaria colocada sob as vistas e os golpes de qualquer dispositivo de ataque, tem tôdas as probabilidades de fracassar, porque junta à inferioridade dos meios a vulnerabilidade de um defensor que se desmascara.

Para esta última eventualidade, preferiu-se a expressão "ação de detenção" à de contra-ataque, para se designar o movimento mascarado dos A. M. X. para posições de tiro favoráveis.

A ação de detenção consiste em ocupar com rapidez, e se possível por surpresa, posições de tiro reconhecidas, no momento em que o adversário chegou a bom alcance.

O fim em vista consiste em abrir fogo só pelo seguro, todos conjuntamente, com engenhos largamente dispersos, concentrando por uma forma maciça os seus tiros, e mudando depois de posições para multiplicar os efeitos do fogo.

Este resultado só pode ser alcançado se os quadros do esquadrão A. M. X. efetuarem numerosos reconhecimento no terreno e junto das outras unidades para estarem prontos a fazer face a tôdas as possibilidades de ação inimigas.

Os itinerários de acesso são assinalados, e devidamente arranjadas as passagens difíceis. Preparam-se as diferentes posições de tiro, primeiro sumariamente (limpeza dos campos de tiro e camuflagem), e



Fig. 1 - A companhia de granadeiros antioarro reforçada por um A. M. X. sobre o terreno

depois a fundo (posições enterradas para os carros, só deixando sobressair a torre).

Para preparar uma parada mínima o mais depressa possível, o capitão começa por fixar as intervenções de cada pelotão segundo uma direcção preferencial (ver as grandes flechas do croquis n. 2) que será permanentemente vigiada por um posto ou uma patrulha de jeeps.

A seguir, estuda as ações de todo o esquadrão, as quais devem ser sempre objeto de um exame cuidadoso. Elas são depois reconhecidas pelos executantes.

* *

O funcionamento deste mecanismo assenta no alerta. Além das informações fornecidas pelas unidades em contacto (esquadrão de jeeps, companhias G.A.C. e observadores de artilharia), é indispensável que cada uma destas ações de detenção possa ser lançada a tempo por um dos elementos em jeeps do esquadrão, largamente desenvolvido.

As ações de detenção foram indicadas no croquis n. 2, por um só objetivo, mas é evidente que a ação dos A.M.X. deverá ser mais ou menos profunda segundo a posição do inimigo.

Por outro lado, o esquadrão não terá que se dispor segundo esta linha, devendo conservar pelo menos um pelotão à retaguarda para facilitar as rupturas de contacto ou poder intervir sobre os flancos.

A organização do esquadrão em quatro pelotões permite esta articulação em profundidade, ainda que tenha destacado um pelotão para junto de uma companhia G.A.C.

Se o avanço inimigo se realizar, por exemplo, pela direita contra a 2ª companhia G.A.C., o 1º esquadrão A.M.X. terá todo o interesse em intervir de flanco, atuando a partir da posição "ação de detenção C" ou mesmo da posição da 1ª companhia G.A.C.

BATERIA DE APOIO

A bateria de apoio compreende:

- comando e D.L.O.;
- os Serviços da bateria;

— duas secções de três canhões automotores.

Experimentaram-se dois tipos de bateria. Um estava equipado com o obus de 105 montado sobre chassis A.M.X., o outro com o morteiro de 120 montado sobre chassis de autometralhadora.

Foi escolhido o obus automotor de 105. Ainda que o seu projétil não seja tão poderoso, o alcance de 14 quilómetros e meio, em vez de seis, permite-lhe mudar menos vezes de posição em todos os casos de guerra de movimento. Além disso, tem uma gama mais completa de munições e a sua intervenção é bastante mais rápida.

A sua presença no R.I.A. terá a vantagem de limitar o material sobre lagarta ao chassis M.A.X. e de tornar mais fáceis as operações de manutenção, de reparação e de substituição das suas peças.

Os morteiros de 81 não foram conservados no R.I.A. em virtude do seu limitado alcance, e do abastecimento com um tipo de munição suplementar.

A bateria de apoio tem, portanto, que fazer face, tanto à tarefa que pertencem a estes morteiros como à que pertence à G.C.I. ou ao pelotão de obuses dos regimentos clássicos.

Sendo a única unidade capaz de fornecer trajetórias curvas, de que o coronel comandante do R.I.A. dispõe, desempenha no seio deste regimento um papel fundamental.

As transmissões foram calculadas para permitirem aos observadores da bateria pedir e regular os tiros de reforço.

O ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO TRANSPORTADO EM JEEPS

O esquadrão de reconhecimento transportado em jeeps é comandado por um capitão, tendo como segundo comandante outro capitão. A sua composição é a seguinte:

- um pelotão de comando;
- um pelotão de apoio;
- quatro pelotões de combate.

Estes últimos são formados por três patrulhas armadas com metra-



Fig. 2 - O esquadrão de carros A.M.X. em posição recuada, pronto a atuar. (As flexas grandes indicam as intervenções iniciais, as pequenas representam as que são preparadas a seguir)

lhadoras e lança-foguetes e por um grupo de S.S. 10 também montado em jeeps.

No final das primeiras experiências, o R.I.A. não tinha este esquadrão. Mas a sua presença revelou-se indispensável pois constituiu, nas mãos do coronel, o instrumento da sua prudência e da sua audácia.

No escalão da divisão mecânica rápida, os helicópteros e o regimento de E.B.R. correspondem muito bem à necessidade de segurança, mas devem ser reservados à pesquisa das informações que interessassem ao general-de-divisão.

Esta orientação prioritária não deve ser prejudicada pelo receio de deixar os R.I.A. descobertos, e é por isso que cada um deles recebeu este esquadrão que lhe permite deixar de andar às cegas.

Além disso, articulado na frente ou nos flancos do R.I.A., o esquadrão poderá notar as oportunidades de "golpes remuneradores", executando aqueles de que é capaz e orientando o regimento para os outros.

Destá forma, o esquadrão de jeeps é empregado nas diferentes situações em que pode encontrar-se o R.I.A. Trata-se principalmente de procurar seguir e justigar o inimigo de frente, de flanco e sobre a sua retaguarda, de o deter, atacar e perseguir.

— Na procura do inimigo, o esquadrão permitirá que o coronel conduza a manobra ou desenvolva o regimento no momento e no ponto desejados.

— Durante a defesa móvel, o esquadrão pode cobrir um flanco ou um intervalo, ou então, se combater numa zona favorável ou se fôr reforçado com A.M.X., participar na manobra de detenção.

— Se o regimento lançar uma ação de detenção, ou contra-ataque mais profundo; o esquadrão esclarece a sua marcha, cobre os seus flancos ou as linhas de comunicações.

— Se o dispositivo inimigo tiver sido flanqueado ou atravessado, o esquadrão pode receber a missão de paralisar em profundidade as retaguardas, utilizando a fundo a flui-

dez e a mobilidade do seu material. Trata-se de uma verdadeira ação de "comandos", a realizar de dia e de noite.

Durante as experiências, o esquadrão de jeeps demonstrou um notável espírito ofensivo, adaptando-se muito bem às diferentes missões.

1 — MARCHA PARA O INIMIGO DO R.I.A.

A marcha para o inimigo tem o seu lugar não só nas operações de cobertura de caráter geral defensivo, como ainda num ambiente de ofensiva que pode ir até à exploração.

Em qualquer caso, o comandante do R.I.A. não pode sujeitar-se a ser surpreendido em flagrante delito de movimento num combate de encontro, devendo estar sempre em condições de "cair em guarda".

Um empenhamento por surpresa faz com que o R.I.A. perca o benefício da sua particular aptidão para a manobra larga e rápida de um inimigo reconhecido; além disso, os seus S.S. 10 são empenhados antes de terem podido ser instalados nas posições que assegurariam o seu pleno rendimento.

A primeira preocupação do coronel será, portanto, evitar um tal empenhamento; ela traduzir-se-á:

- na utilização muito ampla que fará da informação terrestre e aérea;
- no dispositivo que fará adotar ao regimento; este dispositivo deve permitir que cada uma das unidades assegure pela melhor forma a sua missão própria na eventualidade de um combate de encontro.

A Infantaria

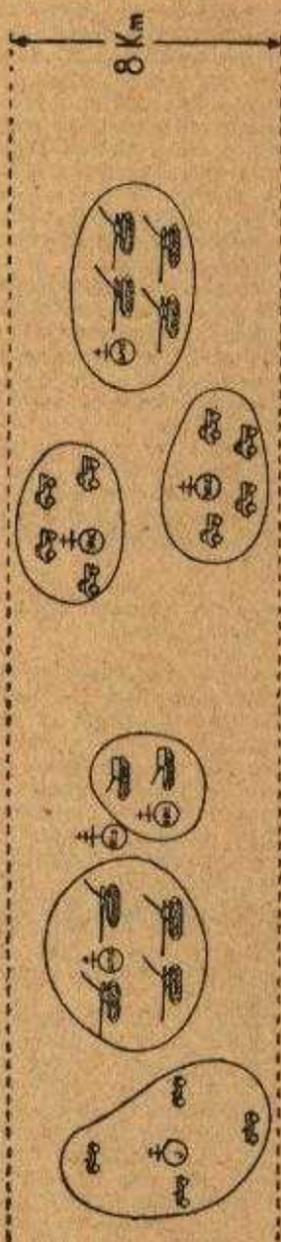
A "queda em guarda" do R.I.A. no momento do encontro com o inimigo é executada pelas companhias de granadeiros anticarros.

Estas deverão estabelecer-se rapidamente no terreno para constituírem a zona de base a partir da qual os blindados manobrarão.

É, portanto, conveniente realizar, durante o avanço, um desenvolvimento em largura da infantaria fa-

2.º Escalão

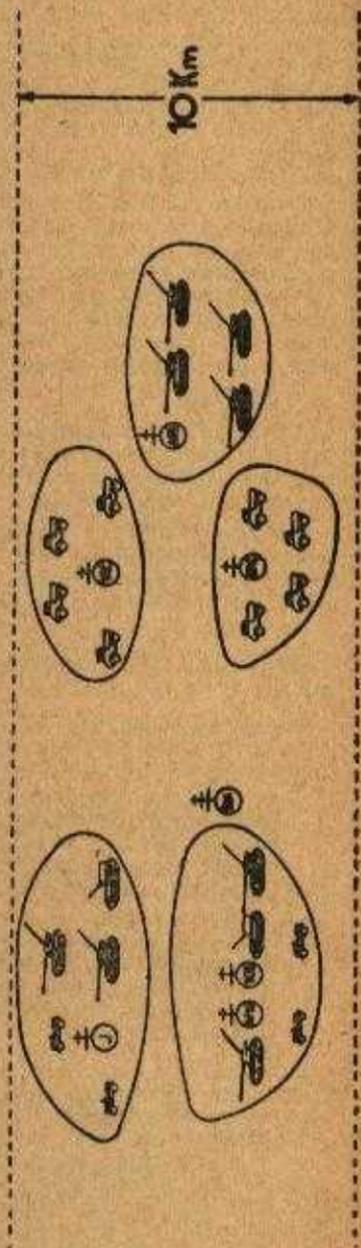
1.º Escalão



Croquis n.º 1

1.º Escalão

2.º Escalão



Croquis n.º 2

estretos (da ordem de cinco quilômetros), as unidades poderão mesmo seguir-se, sendo o esquadrão de carros de reserva enquadrado pelas companhias G. A. C.

Croquis n. 2 — O terreno pode apresentar dois corredores de penetração distintos. Torna-se difícil o comando em largura de uma única guarda avançada. A solução consiste em dividir o escalão avançado em dois elementos semelhantes, às ordens dos capitães que comandam o esquadrão de jeeps e o 1º esquadrão de A. M. X., sem se modificar o 2º escalão. Os elementos do escalão avançado poderão intervir imediatamente sobre os seus eixos, precisar a informação pelo fogo, e prestar-se, em caso de necessidade, um auxílio recíproco.

Croquis n. 3 — O primeiro dispositivo estudado (croquis n. 1), por vezes imposto pelo terreno, apresenta dois inconvenientes, inerentes à extensão da coluna:

- tempo de escoamento;
- demoras de desenvolvimento.

O dispositivo do croquis n. 3 tenta responder a estas duas objeções: o grosso do regimento encontra-se numa formação já desenvolvida; o tempo de escoamento é reduzido ao mínimo.

A exemplo do croquis n. 1, o esquadrão de jeeps pode ainda ser largamente articulado para a frente para reconhecer as futuras posições do regimento e estabelecer-se nelas; no entanto, o terreno que lhe é atribuído torna difícil a ação do seu capitão e não lhe podem ser fornecidos imediatamente os apoios de fogo.

Croquis n. 4 — Este dispositivo é uma variante do anterior. A ameaça inimiga faz-se sentir sobre o flanco direito; o coronel faz-lhe face por meio de uma forte cobertura nessa direção.

O grosso articulado como anteriormente, tem o flanco esquerdo avançado, e está pronto a cair em guarda à direita, no caso de encontro com o inimigo.

(Continua)

